

# Opinião



EUGÉNIO COSTA ALMEIDA\*

## Angola e a pirataria marítima no Golfo

**FAÇAMOS UMA** nota prévia; na passada semana um navio grego de pavilhão liberiano, carregado de crude da Sonangol, foi dado como desaparecido. Perspectivou-se, naturalmente, que o referido petroleiro poderia ter sido sequestrado por eventuais piratas marítimos com a agravante que a ter acontecido o facto teria ocorrido a cerca de 7,5 milhas (cerca de 11 kms) da cidade de Luanda, ou seja, em plenas águas territoriais angolanas (o limite é de 12 milhas, cerca de 19,5 kms, ao contrário da zona económica exclusiva que é de 200 milhas).

Ora, no passado domingo viemos a saber que o referido petroleiro teria, provavelmente, desligado as suas comunicações e com o apoio de um rebocador externo e, segundo me pareceu ter lido, já que não era clara a notícia, com o nome de um já existente – ou seja, com o apoio de um rebocador clonado – o petroleiro teria zarpado com destino à Nigéria o que se infere que haveria, em perspectiva, um caso claro de fraude económica e de – não o deixa de ser – pirataria marítima.

Sabe-se que as zonas do Corno de África (da Somália até perto de Moçambique) e do Golfo da Guiné (aqui mais perto das águas territoriais nigerianas) são considerados como dois polos onde a pirataria marítima fazem sentir a sua actividade. Isto, apesar de haver quem considere que não são credíveis estes factos ou que não se justificam quem, academicamente, haja quem deseje estudar esta matéria no âmbito da Comissão do Golfo da Guiné (CGG) e da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS).

Recentemente, candidatei-me a uma bolsa para o Pós-Doutoramento (em Portugal, mesmo que se tenha um apoio de uma Universidade – para eles – estrangeira, no caso angolana, para um Pós-Doc temos sempre de solicitar o apoio bolsheiro àquela instituição estatal, os avaliadores acharam que certos elementos de análise como, e passo a citar, “pirataria marítima, petróleo e uma série de outras questões” não se enquadravam no estudo o que tornavam “pouco claro o foco da análise”. Tudo isto enquadrado num Pós-Doc que estudaria e analisaria a ZOPACAS e a CGG.

Ora António Patriota, antigo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, na sessão de abertura da ZOPACAS (ou ZPCAS) em Montevideu, Uruguai, em Janeiro de 2013, referia-se, precisamente, como indispensável e necessário que os Estados ribeirinhos que formam a ZOPACAS e, por extensão a CGG, deveriam salvaguardar os seus direitos económicos nas zonas económicas exclusivas, nomeadamente, a defesa da extensão territorial, o petróleo, entre outros e combater por todos os meios a pirataria marítima que se começa a sentir, e com certa intensidade, no Golfo da Guiné (Almeida & Bernardino, 2013).

Só os avaliadores da FCT é que não pensam assim...

Ora como se inicia este texto há dias houve uma crise marítima nas águas territoriais angolanas com o “desaparecimento” de um navio-tanque, o

Kerala, da empresa grega DynaCom Tankers (embora com pavilhão liberiano) que transportava no seu bojo crude da Sonangol.

A empresa afirma e atesta que houve um acto de pirataria! O Ministério da Defesa Nacional e a Marinha de Guerra testemunham que o que houve foi um desvio do navio por parte da tripulação, provavelmente – e isto sou eu que digo – para venderem o crude no mercado negro. Em qualquer dos casos, houve, efectiva e claramente, um acto de pirataria que deve ser frontal e com clareza combatido.

Para isso, é necessário que a nossa marinha tenha os meios necessários para esse desiderato.

Recordo que já em 2007, o então Chefe de Estado-Maior da Marinha de Guerra angolana, o Almirante Silva Cunha defendia que Angola precisava de reforçar os nossos meios marítimos, defendidos no seu “Ensino e formação em aliança estratégica”, quer com uma Escola Naval de Guerra, quer com a formação de novos oficiais vocacionados para as novas estratégias marítimas (ver Almeida, Eugénio Costa, 2011). Ora nestas enquadram-se, naturalmente, as novas formas de pirataria marítima e os danos que podem provocar numa economia emergente como é a nossa.

É certo que Angola recebeu há tempos alguns patrulheiros chineses para vigia das nossas águas territoriais. É igualmente verdade que vamos comprar alguns vasos de guerra à Alemanha (barcos de patrulha, já acordados na visita de Merkel a Angola, em 2011, então no valor de 7 a 17 milhões de USdólares/cada mas que só agora parece terem recebido ordem para avançar; será que os preços se mantem?).

Só que até estarmos preparados e salvaguardados de surpresas como a ocorrida – ainda que não devidamente justificada –, estaremos sempre sob o espectro da pirataria marítima com os naturais nefastos condicionamentos ao desenvolvimento da nossa economia e das nossas riquezas nacionais.

Salvo se estivermos disponíveis para colocar as nossas costas e as nossas riquezas da zona económica exclusiva sob a vigilância de terceiros, como, por exemplo, dos submarinos sul-africanos (eles têm ou vão comprar três), de marinhas de guerra da China, da Rússia, da Espanha, da França, dos submarinos portugueses ou dos norte-americanos da AFRICOM, com os naturais custos a nos serem imputados...

Não se é porque se quer, mas é-se porque temos condições para isso: refiro-me, naturalmente, em sermos uma potência regional!

**FONTES:** Almeida, Eugénio Costa & Bernardino, Luís M. Brás, “A Comissão do Golfo da Guiné e a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul”, in: Revista Militar, nº 2532, de Janeiro/2013, pp: 43-61; Almeida, Eugénio Costa, “Angola potência regional em emergência”, (tese de doutoramento), edições Colibri, 2011, pp. 159.

\*Investigador do CEI/ISCTE-IUL  
elcalmeida@gmail.com

## Falando em miúdos

António Tomás



## Adeus, Camarada

**LOPO DO NASCIMENTO** quis despedir-se da política activa. Podia tê-lo feito de várias maneiras. Podia ter saído de mansinho, à francesa, sem despedir-se, como muitos outros fizeram. Mas fê-lo de uma forma que, segundo o jornal A Capital, acabou por ser uma pedra no charco da política angolana. Fez um discurso, que revela mais pelo que não diz, do que pelo que realmente diz.

A minha primeira reacção foi de admiração por este grande veterano da política angolana. Um nacionalista e político que esteve em todos os momentos cruciais da história deste jovem país. Por ter coragem de se reformar, e anunciá-lo publicamente (com um discurso que é mais um legado político), quando a gente sabe que para muita gente nas nossas paragens ainda não é claro que o tempo desgasta a carne e que é preciso saber quando sair da vida activa. E isso não é apenas um problema da cúpula. O ministro das Relações Exteriores, segundo o Novo Jornal, tem vindo a fazer uma campanha dentro do seu pelouro para convencer os diplomatas “idosos” de que é chegada a hora de se reformar.

E isso, para sermos honestos, não tem apenas a ver com a simples questão da negação da idade. Tem a ver com a forma como concebemos a política por essas paragens. A política deixou de ser, como antigamente, uma forma de resolver os problemas do povo, como tinha sido formulado pelo nosso saudoso primeiro presidente, mas passou a ser um meio de acesso ao enriquecimento pessoal.

Mas vamos ao discurso. Considerações importantes sobre o conceito de partidos políticos em África. Que os partidos políticos mais não têm feito do que gerar exclusão. E disse o que todos já sabíamos, e tem sido a nossa luta aqui nos jornais afirmar este simples facto. Que este país não pertence a nenhum partido. É dos angolanos. Muita coisa, muito bem dita. De se aplaudir pé, como fizeram os deputados da oposição. Balanço também das grandes personalidades que a nossa vida política como Lúcio Lara, Agostinho Mendes de Carvalho e Mfulupinga Landu Victor.

E só depois a sua visão sobre o futuro do país, ou o testemunho que deixa à juventude, de dentro e fora do seu partido. Que a juventude tem de ser mais irreverente e inconformista. Que a sua geração trouxe a independência e criou o Estado, e que cabe a esta juventude criar uma nação.

O que senti com essa passagem foi

que o adeus do camarada Lopo é mais um abandono do que uma reforma. É um virar as costas à única arena onde ainda se conseguem resolver problemas neste país, que é no seio do partido que nos lidera desde a independência. Comecei a ver Lopo do Nascimento como uma espécie de um tio bondoso que decide abandonar os sobrinhos em casa deixando-os sozinhos a ter de resolver os seus próprios problemas.

Porque a impressão com que fiquei, se leio bem o que diz Lopo do Nascimento, é que o MPLA já não tem soluções para construir uma nação. O esforço do partido esgotou-se em tornar Angola independente e capitalista. Pessoalmente, este é também um discurso de admissão de um grande fracasso. Fracasso porque Lopo do Nascimento estava talhado para voos ainda mais altos nessa nossa pátria em formação. Liderou durante muitos anos o restrito grupo de presidencialistas no seio do partido. Que nunca tenha conseguido chegar ao mais alto posto da nação nem é até o que muitos dos seus correligionários lhe censuram. O que lhe é censurado, das opiniões que colhi, é que não tendo avançado na altura em que devia ter avançado ajudou a criar a ideia de um partido petrificado, ou a ideia de que partido no poder não pode ter qualquer outra alternativa à liderança.

E agora o que nos resta, na apreciação de Lopo do Nascimento, é uma juventude que pode mudar as coisas, uma juventude que recuse a ideia de que país pertence a um único partido. Mas a juventude tem sido inconformista. Tem levado o protesto para a rua e isso ajudou de facto a mudar alguma coisa. Mas já vimos de que forma é que o protesto da juventude esbateu-se contra a firmeza do poder, e de que forma a força deste embate provocou vítimas mortais. Mas também alguma apatia e desistência.

Eu sempre achei, e escrevi isso de várias formas, que a pressão da rua era importante. Mas que o risco de isso terminar em descontrolo e perda de vidas humanas e propriedade era também muito alto. Que mudanças sérias e profundas tinham de vir da parte de quem está bem situado para dar um rumo a este país. Se calhar, o que vai acontecer depois desse discurso, é não tanto um novo momento de irreverência da nossa juventude, mas uma maior agitação das águas paradas do charco, agora que mais cedo ou mais tarde nos aproximamos do render da guarda a nível da mais alta liderança do país.